

# Versatilidade, bom humor e polêmica

*Roberto Benigni, o ator e diretor que ficou mundialmente famoso pelo filme A vida é bela, é amado e odiado pelos italianos*

Por Vivian Almeida

**R**ecitar trechos inteiros da *Divina comédia*, do gênio Dante Alighieri, é talvez o mais singelo feito pelo qual Roberto Benigni é lembrado pelos italianos. O dom da improvisação e uma certa onipresença fazem do cineasta, hoje com 57 anos de idade, um dos artistas mais influentes do seu país. Tamanho prestígio, porém, não atenua o contraste de ser odiado e amado na mesma intensidade por seus conterrâneos.

Ator, diretor, humorista, ativista político e, principalmente, polêmico, Benigni foi apresentado tardiamente ao mundo ao receber, em 1999, três Oscars, incluindo o de Melhor Ator, por *A vida é bela* ("La vita è bella"), dirigido por ele mesmo.

Não é preciso ser cinéfilo para se recordar da cena. Ao receber a notícia, Benigni, que concorria com Edward Norton e Ian McKellen, quebrou o protocolo como pôde. Subiu nos encostos das cadeiras, esbarrando a sola dos calçados por cabeças para lá de famosas. Abraçou e beijou meio mundo e fez um discurso caprichando no sotaque

Divulgação



**Roberto Benigni, aqui no cartaz do show *Tutto Dante*, foi considerado gênio por Federico Fellini**

macarrônico, apesar de saber falar inglês muito bem. Não decepcionou.

Exceção estrangeira congratulada pela academia hollywoodiana, o italiano fez sua festa naquele mesmo ano em que nós, brasileiros, vimos Fernanda Montenegro perder a estatueta para a insossa Gwyneth Paltrow. Baseado nas memórias de seu pai,

*A vida é bela* rendeu a Benigni sete indicações ao Oscar e uma série de prêmios ao redor do mundo. Traz no enredo um homem espirituoso que se desdobra para que o terror nazista não passe de uma grande brincadeira aos olhos do filho.

A história tragicômica do mestre do humor italiano foi suficiente para que os representantes brasileiros, que também concorriam ao prêmio de Melhor Filme Estrangeiro, com *Central do Brasil*, voltassem para casa com as mãos abanando.

Um dos únicos atores a levar a estatueta de ouro por dirigir a si mesmo (o outro foi Laurence Olivier, com sua versão de *Hamlet*), Roberto Benigni é popular na Itália desde a década de



**O filme *A vida é bela*, que Benigni dirigiu, e no qual também atuou, levou 3 Oscars em 1999**

1970, quando estreou uma série de televisão chamada “Televacca”, na qual ele imitava e dublava. Por ser extremamente chocante para a época, a atração terminou logo e abriu espaço para que, nos anos 1980, Benigni se consolidasse como um homem de cinema.

Daí em diante, dirigiu *Johnny Stecchino* (1991), seu primeiro sucesso, e a comédia *O monstro* (1994). Ao lado do ator cômico Massimo Troisi, atuou em *Non ci resta che piangere*, uma fábula na qual os protagonistas perseguem Cristóvão Colombo para impedir que ele descubra a América.

Musa inspiradora e mulher de Benigni, Nicoletta Braschi estreou com ele a maioria dos filmes que dirigiu. Na versão que o cineasta produziu do clássico *Pinóquio* (2002), ela era a fada madrinha. Mas a repetição da parceria conjugal não foi suficiente para que o filme decolasse. O longa se converteu em um fracasso na carreira de Benigni, que veio a fazer as pazes com o público há cerca de cinco anos, quando dirigiu *O tigre e a neve*. A obra conta uma história de amor ambientada na Guerra do Iraque. Ali, a vida não é tão bela nem tão engraçada. Quem esperava mais uma dose do filme vencedor do Oscar se decepcionou. Como, no filme, Benigni também atua como diretor e

ator, houve quem o chamasse de egocêntrico, mas a crítica também apontou a maturidade da produção.

Ainda em 2005, o cineasta surpreendeu o público italiano ao tirar parte de sua roupa em um telejornal. Ele havia sido convidado para falar sobre *O tigre e a neve* em um dos programas de maior audiência do país e resolveu simular um *striptease* enquanto divulgava sua nova produção. Rindo, Benigni tirou a camisa e a colocou sobre os ombros do apresentador.

Ao longo de 2009, o italiano rodou a Europa e os Estados Unidos com um espetáculo de teatro solo, protagonizado por ele mesmo, e chamado *Tutto Dante*. No palco, alinhavava versos da *Divina comédia* com piadas sobre fatos da atualidade.

Entre seus alvos favoritos está o primeiro-ministro italiano, Silvio Berlusconi, que, na opinião de Benigni, é “o maior palhaço de todos”. “No palco deixo sempre portas abertas, e qualquer coisa que ocorra nesse momento, ou que tenha ocorrido na véspera, vale. Como vou deixar de fora Berlusconi, que dá notícias a cada duas horas?!”, divertiu-se o artista ao comentar o escândalo ligando o nome do premiê a prostitutas de luxo, mansões e iates.